

Pesquisa sem frescura

Jefferson Selbach

Cachoeira do Sul
2005

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

Copyright © 2005 by Jeferson Selbach

Dados Internacionais de
Catalogação na Publicação (CIP)

S464p Selbach, Jeferson Francisco.

Pesquisa sem frescura / Jeferson Francisco
Selbach. – Cachoeira do Sul : Ed. do Autor,
2005.

80 p. : il.

ISBN 85905426-3-7

1. Pesquisa. 2. Metodologia Científica.

I. Título.

CDU 001.891

CDD 001.42

Bibliotecária Responsável:

Simone Costa da Silva CRB/10-1564

Revisão: Ivouny Dargelio Maciel

Direitos reservados à Jeferson Francisco Selbach

Rua General Portinho, 1701 - térreo

Cachoeira do Sul/RS - CEP 96508-061

jfselbach@hotmail.com

Capa: fotografia anônima, com efeito de afresco.

Este livro foi autorizado para domínio público
através do site <http://www.dominiopublico.gov.br>, com
Licença Creative Atribuição-Uso Não-Comercial-Não
a obras derivadas 2.5 Commons, licenciado no site
<http://creativecommons.org/licenses/?lang=pt>.

De acordo com a Lei n.10.994, de 14/12/2004, foi feito
depósito legal na Biblioteca Nacional.

Sumário

Ladies and gentlemen, com vocês...

Afinal, o que é pesquisa e para que ela serve?

Desmistificando o projeto de pesquisa

O que você quer, afinal?

Atraído pelo título

Definição do tema ou Introdução

Você tem problema? Não? Arranje o seu!

Minha hipótese é...

Quais são seus objetivos?

Justificando...

Os teóricos, sempre eles!

Entrando na biblioteca

Fazendo fichas de leitura

Organizando o material

Avaliando a bibliografia

Como fazer a pesquisa?

Prevendo as fontes

Quanto vai custar?

Esqueleto

Previendo as etapas
Guia dos autores
Clipes
Dicas de formatação
Relatório de Pesquisa
Calculando a percentagem
Resumo
Montagem visual
Montagem para apresentação oral
Encarando o público
Escrevendo um artigo
Rodapé ou autor/data
A técnica do escritor em treze teses
Para pensar na cama
Bibliografia citada e sugerida

Ladies and gentlemen, com vocês...

Este livro pretende ser mais um pequeno guia para o viajante que vai conhecer pela primeira vez o país chamado “pesquisa”. Ele foi montado a partir das minhas experiências na área.

Conheci pesquisa na universidade, no curso de Sociologia. Não foram poucas as disciplinas que exigiram algum tipo de trabalho de campo, seja na antropologia, na política, na própria sociologia ou nas específicas de metodologia de pesquisa. Meu trabalho de conclusão foi em cima das experiências que tive em sala de aula, no período de estágio. Fiz um trabalho com os alunos em que eles tiveram de observar a cidade (Novo Hamburgo), fotografá-la, desenhá-la e criar mapas com os pontos que mais chamavam a atenção. No mestrado, realizado na UFRGS, em Planejamento Urbano e Regional, analisei a mesma cidade a partir do discurso construído pelo jornal local. Agora no doutorado, sigo na mesma linha, só que analisando Cachoeira do Sul.

Como professor universitário, sempre procuro fazer algum tipo de pesquisa com os acadêmicos dos mais diversos cursos em que ministro aula. A sistematização das experiências aqui relatadas vem, principalmente, das aulas de Metodologia Científica, na qual a pesquisa é o cerne. Assim, pretendo mostrar um pouco destas experiências aqui. Que elas possam auxiliar de alguma maneira. Se isso acontecer, terá valido a pena relatá-las...

Afinal, o que é pesquisa e para que ela serve?

Pesquisa, segundo o amansa-burro (dicionário), é o ato ou efeito de pesquisar, buscar com diligência algo que se tem dúvida, inquirir, perquirir, investigar, informar-se a respeito de algo, indagar, esquadrinhar, devassar. Pesquisar é realizar uma indagação ou busca minuciosa para averiguação da realidade, uma investigação e estudo sistemático, com o fim de descobrir ou estabelecer fatos ou princípios relativos a um campo qualquer do conhecimento. Pesquisar é tudo isto e muito mais. É a base para o sujeito que quer construir um conhecimento, seja ele científico (com regras claras e objetivas) ou popular. Sem esta pesquisa se vive de achismo, eu acho que...

Pesquisar não é privilégio dos sábios ou doutores, está presente em toda nossa vida. Recém-nascidos se descobrem e descobrem o mundo que os rodeia pesquisando. Crianças, adolescentes, adultos e idosos também. Teoricamente, o que difere a pesquisa científica é o fato de poder comprová-la, através de regras ou métodos, de poder repeti-la, alcançando os mesmos efeitos. Teoricamente porque, embora o meio científico não admita (principalmente o das chamadas ciências mais exatas ou duras), a maior parte das pesquisas não comprova muita coisa e se fossem repetidas alcançariam outros resultados, em muitos casos contraditórios aos encontrados inicialmente.

Assim como a água que corre em um rio nunca é a mesma, o contexto da pesquisa também difere de um instante para outro. Em uma pesquisa realizada em determinada época com determinado meio (social ou físico) encontram-se mais diferenças do que regularidades. O próprio investigador influencia no olhar o objeto de pesquisa. A neutralidade científica é uma ficção tão ou maior que filmes produzidos em Hollywood.

A pesquisa, como dito acima, serve para o sujeito construir um conhecimento sobre algo

ou determinada situação. Através da pesquisa conhecemos aquilo que só poderia ser conhecido se fosse contado por outros, portanto passível de erros e inverdades. Partir deste princípio é entender o mundo que nos rodeia como uma realidade inteligível num primeiro olhar, uma realidade que existe, obviamente, mas que é explicada sob os mais variados prismas, nos mais diversos pontos de vista.

Portanto, quem explica não é o senhor possuidor absoluto da verdade, mas alguém que contribui para entendermos uma pequena fração deste mundo. Logo, seu olhar é passível de distorções. O sentido figurativo do caleidoscópio – pequeno instrumento cilíndrico, em cujo fundo há fragmentos móveis de vidro colorido, os quais, ao refletirem-se sobre um jogo de espelhos angulares dispostos longitudinalmente, produzem um número infinito de combinações de imagens de cores variegadas – dá uma idéia precisa deste entendimento. Assim como o olhar do caleidoscópio é uma rápida e cambiante sucessão de impressões e sensações, o olhar do pesquisador sempre é superficial e mutável frente à realidade.

E aqui está a graça em fazer pesquisa. Ela nunca é finita nas suas conclusões. Por isso a

necessidade de pesquisar incessantemente. A cada mundo que se desvenda, abrem-se vários outros mundos a desvendar...

Umberto Eco, em seu livro *Como se faz uma tese*, diz que podemos preparar um trabalho de pesquisa digno, mesmo que se esteja numa situação difícil. Algo do tipo ter todas as noites tomadas com disciplinas do curso superior, trabalhar todos os dias úteis desde cedo até a tardinha e aos finais de semana dedicar à família, igreja e amigos, não necessariamente nesta ordem. Para estes, a pesquisa vai servir no mínimo para sair um pouco da rotina, ver o mundo sob outros olhos. Isto, por si só, já terá valido o esforço.

Para Eco, a pesquisa pode auxiliar num resgate positivo e progressivo do estudo, entendido não como coleta de noções, mas como elaboração crítica de uma experiência, aquisição de uma capacidade de identificar problemas, encará-los como método e expô-los segundo certas técnicas de comunicação. Em outras palavras, a pesquisa serve como uma ampliação do estudo, ampliação esta que proporciona o uso da crítica, aqui entendida como ato ou efeito de examinar e/ou julgar algo. É ela que traz experiências valiosas ao educando/pesquisador. Com ela, o sujeito

cognitivo, que adquire conhecimento, aprende ou treina seu olhar perceptivo, observador, inquisidor, problematizador. Pela pesquisa, sistematiza, ordena, metodiza seu objeto de análise. E apresenta, ao final, os resultados de determinada forma que outros pesquisadores entendam.

Como pesquisar não é um ato simples, complexo não complicado, muitos preferem investir numa quantia razoável para que outros façam a pesquisa e compilem num trabalho ou copiam trabalhos já prontos, principalmente da internet, adaptando-os ou não. Ambos procedimentos são ilegais. No primeiro, o indivíduo não merece reconhecimento pois nada criou. O segundo é caso de apropriação mesmo, passível de punição legal. Um argumento plausível para convencer a fazer de fato a pesquisa é que através dela o sujeito aprende. Se mandar fazer ou copiar, nada aprenderá, portanto, o dinheiro gasto com mensalidades de nada valerá, até porque o mercado exige muito mais do que o diploma, exige que se saiba fazer, pensar e agir.

De uma maneira geral, elaborar uma pesquisa significa, ainda segundo Umberto Eco, identificar um tema preciso, recolher documentação sobre ele, ordenar estes

documentos, reexaminar em primeira mão o tema à luz da documentação recolhida, dar forma orgânica a todas as reflexões precedentes, empenhar-se para que o leitor compreenda o que se quis dizer e possa, se for o caso, recorrer a mesma documentação a fim de retomar o tema por conta própria. É algo como “pôr ordem nas próprias idéias e ordenar os dados”.

Por isso, “não importa tanto o tema da pesquisa mas sim a experiência de trabalho que ela comporta”. Sua cientificidade reside no fato de que: o estudo debruça-se sobre um objeto reconhecível e definido de tal maneira que seja reconhecível igualmente pelos outros; dizer do objeto algo que ainda não foi dito ou rever sob uma ótica diferente; deve ser útil aos demais; fornecer elementos para a verificação e a contestação apresentadas; todo trabalho científico, na medida que contribui para o desenvolvimento do conhecimento geral, tem valor positivo; delimitar com precisão o âmbito geográfico e cronológico do estudo; estabelecer critérios de escolha da amostra; explicar critérios (por que excluir este e não aquele?).

Assim como o viajante que vai para uma região desconhecida, o sujeito que se aventura no

mundo da pesquisa deve primeiro definir o que quer conhecer e, a partir daí, passar a recolher informações básicas sobre o tema.

A chamada fase exploratória da pesquisa, ou trajetória de investigação, se inicia com a escolha do tópico de investigação, ou com o ponto principal do tema ou assunto a ser pesquisado. É uma delimitação do objeto, a princípio ampla. À medida em que se avança em seu conhecimento, circunscreve-se o tema. Nesse momento é importante tentar definir os objetivos. Eles servirão de base para os questionamentos futuros.

Na fase de exploração do objeto a ser pesquisado entra uma construção do marco teórico e conceitual, realizado através de uma pesquisa bibliográfica, ou estudo de livros sobre o tema. Os livros teóricos estão para o pesquisador assim como os guias de viagem estão para o viajante. Eles dão subsídios para conhecer onde se vai.

Um passo seguinte é a escolha dos instrumentos de coleta de dados, do tipo de pesquisa que se vai realizar. Esta escolha não pode ser aleatória, deve ser bem trabalhada e pensada, antes de ser utilizada. Cada instrumento de pesquisa tem uma finalidade específica, como veremos mais adiante. Portanto, gaste tempo neste item, para depois não se arrepender.

Todos esses itens vão auxiliar na elaboração do projeto de pesquisa, que nada mais é do que a sistematização das idéias colocadas no papel, a fim de tornarem-se legíveis. Como o próprio nome diz, projeto é uma idéia que se forma a fim de realizar ou executar algo no futuro, um plano de trabalho. Ele nos permite mapear o caminho a ser seguido, esclarecendo não só ao pesquisador, mas a quem vai avaliar o projeto, como a pesquisa será feita. Acima de tudo, o projeto deve responder aos quesitos o que? por que? para que? como? quando? com que recursos? por quem?

Desmistificando o projeto de pesquisa

Um projeto de pesquisa é constituído de partes que variam segundo uma série de fatores. Deve-se levar em conta sua finalidade, para que ou para quem ele vai servir? Cada instituição tem suas regras próprias e a única maneira é ver o que elas exigem.

De uma maneira geral, ele se compõe das seguintes partes, algumas pouco exigidas, outras mais: definição do tema, problema de pesquisa, hipótese, objetivos, referencial teórico, metodologia de pesquisa, previsão das fontes de pesquisa, custos e orçamentos, plano preliminar de conteúdos, cronograma, bibliografia e anexos.

O que você quer, afinal?

A primeira coisa a ser feita é definir de maneira clara a temática, indicar a área de interesse a ser investigada. Esta é sempre uma delimitação ampla, embora com um recorte concreto. Não adianta dizer que se vai pesquisar sobre história. Qual história? Qual período? Da pré-história aos dias de hoje? Nessa definição o pesquisador encontra a primeira dificuldade. Muitas vezes nem ele sabe especificamente o que deseja pesquisar, só sabe que quer fazer algum tipo de pesquisa, seja por necessidade fisiológica (é um cacoete que ele tem) ou coerção externa (o chefe ouviu dizer que pesquisa é importante e mandou os subordinados organizarem uma).

Umberto Eco sugere algumas regras na hora de escolher um tema de pesquisa. Primeiro, que responda aos interesses do pesquisador. Alguém apaixonado por botânica terá imensa dificuldade em pesquisar física quântica. Só se trabalhar com plantas e vegetais sentirá “tesão”. Se o tema for mal escolhido, é possível que falte disposição para se chegar até o fim.

Segundo, que as fontes de pesquisa estejam acessíveis. Um brasileiro que quer pesquisar sobre a história oral chinesa vai

encontrar dificuldades se não dominar o mandarim, o idioma mais falado na China, e se não tiver verbas para viajar até lá. Também não adianta propor uma pesquisa sobre olimpíadas estudantis numa cidade que não tenha tal atividade.

Terceiro, que as fontes sejam manejáveis, isto é, de fácil manuseio. Há muitos documentos históricos só acessíveis para determinados pesquisadores ou a pessoas que se dispõem a pagar determinada quantia. Para escrever um livro sobre as Exposições Universais, a historiadora gaúcha Sandra Pesavento precisou se deslocar a Chicago, Paris e Londres, atrás de fontes originais. Para quem não dispõe de tais meios, é preferível propor algo mais simples, que seja possível cumprir. É preferível adequar o tema às fontes que estão à mão.

Quarta regra, que o quadro metodológico esteja ao alcance da experiência do pesquisador. Se o sujeito está acostumado a trabalhar basicamente com questionários, ele vai ter dificuldades para conseguir realizar uma pesquisa de laboratório ou antropológica, observando índios lá no meio do Amazonas.

Por fim, que o professor que orienta o trabalho seja adequado. O professor titular da disciplina Direito do Trabalho terá dificuldades para orientar um trabalho na área de Direito Penal. É bom sempre lembrar que a escolha do orientador não deve se dar por afinidade pessoal, mas por afinidade intelectual.

Na escolha do tema, ainda segundo Umberto Eco, é perigoso cair na tentação de fazer uma pesquisa que fale de muitas coisas. É melhor trabalhar com um tema preciso, limitado, tentando conhecer a fundo seu objeto de pesquisa. Obviamente, devemos inseri-lo no panorama geral do conhecimento, a fim de explicá-lo e entendê-lo. Por essas razões, quanto mais restringimos o campo, melhor e com mais segurança vamos trabalhar. “É melhor que a pesquisa se assemelhe a um ensaio do que a uma história ou a uma enciclopédia”, afirma Eco.

Para o acadêmico, sugere-se escolher o tema de pesquisa, com a ajuda do orientador, já na metade do curso. Isto possibilita conciliar as matérias cursadas e os trabalhos nelas exigidos com o tema de pesquisa. Assim, ao invés de falar de mil e uma coisas ao longo do curso, o aluno que já escolheu o tema do seu trabalho de

conclusão pode direcionar seu tempo ao que lhe interessa. Quando chegar ao final do curso, ele terá mais segurança em tratar do seu tema e haverá pouca probabilidade em mudar na última hora, resultando num trabalho melhor desenvolvido.

Aos que desejam seguir estudando, cursando algum tipo de pós-graduação, como especialização, mestrado ou até doutorado, esta tática cai como uma luva. Isto porque, na hora de montar um projeto de pesquisa para os programas de pós, o aluno saberá o que quer fazer. Como a seleção destes programas é extremamente competitiva, ele estará mais habilitado do que outros candidatos que, como se diz, “acordaram de manhã com vontade de fazer um mestrado e inscreveram um projeto sem saber, afinal de contas, o que realmente querem”.

Voltando ao tema, escolher o que se quer bem antes do término do curso possibilita também discutir passa a passo com o professor orientador, algo imprescindível num trabalho que se quer decente, até porque temas de última hora obrigam tanto o formando a produzir rapidamente quanto o orientador a “devorar” o escrito.

Ainda que o período de um ano seja suficiente para a realização de uma pequena

pesquisa, o maior obstáculo fica por conta da organização deste tempo. Um exemplo: as matrículas em quase todas as universidades são feitas no início do ano, mas o aluno acaba pensando no que fazer só no início das aulas, que ocorrem normalmente em março. Daí para escolher um professor que lhe oriente vai mais uns 15 a 30 dias. Até conversar com ele e decidir algumas estratégias de pesquisa, correm mais 45 a 60 dias. Já na metade do ano (em junho), se inicia o trabalho de campo propriamente dito. Neste levantamento de dados são gastos no mínimo 30 dias. Sua organização exige outros 30 dias, se tudo correr bem. Quando as flores estiverem desabrochando na primavera, o aluno estará iniciando a escrita. Se for sistemático e organizado, conseguirá finalizar em 45 dias. Como em final de outubro ele deve entregar o texto já pronto na secretaria, o orientador terá pouco mais de 15 dias para ler e palpar. Qualquer modificação necessária será feita às pressas. Agora imaginem uma falha estrutural, que requer novas leituras e escritas? Ou elas não serão feitas ou serão feitas de forma superficial ou ainda por terceiros. Aí não se admire chegar na hora da defesa e ouvir críticas contundentes ou o trabalho baixar em diligência.

Atraído pelo título

Onde melhor se define o tema é no título. Para um trabalho de pesquisa não adianta querer colocar título de livro de sucesso, de fácil memorização, como “O alquimista” ou “Brumas de Avalon”. É preciso especificar detalhadamente, “tim-tim” por “tim-tim”, aquilo que se quer fazer.

Exemplo: “A importância da desinfecção da água por cloração, na rede de Escolas Municipais de Ensino Fundamental, do interior de Restinga Seca” e “Egressos do Curso de Educação Física da Ulbra, Campus Cachoeira do Sul/RS: levantamento das Condições Profissionais” (específicos) ao invés de “Matemática: calculando para aprender” (vago).

Definição do tema ou Introdução

Depois de definido o tema, deve-se explicá-lo, contextualizando-o, conceituando suas principais partes. Nesta hora lance mão de algo que deve ser indispensável a todo ser humano, ao longo de toda sua vida: o dicionário, comumente chamado de “amansa-burro” (não sem razão). Com ele, você vai poder conceituar de um modo claro aquilo que deseja estudar. Procure sempre iniciar do geral para o específico. É como aterrissar um avião, vem perdendo altura e

diminuindo a velocidade até tocar as rodas no chão, suavemente.

Exemplo:

A Educação Física trabalha cientificamente com o bem estar físico, saúde, força, velocidade, resistência, aperfeiçoamento das funções fisiológicas. Ela vem atualmente ocupando novos e importantes espaços nas áreas biológicas, psicológicas, fisiológicas, sociais e, principalmente, na área educacional, como resultado efetivo de pesquisas, estudos e aplicações teórico-práticas visando ao desenvolvimento integral do ser humano geral.

Para o crescimento profissional torna-se a fundamental conhecer a estrutura e o trabalho desenvolvido nos cursos de graduação. Os egressos deste curso apreendem as mudanças da profissão e encontram chances para aprender mais sobre sua vocação.

Cabe a cada profissional dentro de sua área de atuação ter conhecimento, gostando do que faz. Buscar a qualificação em sua área para futuramente obter boa remuneração com boas condições profissionais.

É nosso intento realizar um levantamento das condições profissionais dos egressos de Educação Física da Ulbra Campus Cachoeira do Sul / RS.

Você tem problema? Não?

Arranje o seu!

Este item é meio questionável. Para alguns, como o pessoal das ciências mais “duras” ou “exatas”, é indispensável ter um problema de pesquisa. Se este for seu caso, procure formular perguntas ao assunto proposto, construir sua problematização. Descreva o problema, especulando sobre seu campo de observação em relação a algumas variáveis. Formule-o como pergunta, sendo claro e preciso, delimitado-o a uma dimensão variável. Indague se o problema é original, relevante, adequado, se há possibilidades reais para executar o estudo. Existem recursos financeiros e físicos?

Para o pessoal das ciências ditas mais humanas, o problema de pesquisa tem um caráter meio positivista. Algo que se chama de inevitabilidade, que vem de inevitável. Isto porque acredita-se que propondo uma questão, e tendo uma hipótese para responder, o pesquisador fará de tudo para prová-la. Este “tudo” pode incluir desde formular perguntas que só respondam aquilo que se quer “provar” até a exclusão de respostas contrárias a sua hipótese, o que não é nada ético mas acontece.

Assim, quando perguntarem a você qual seu problema, diga que você não tem nenhum, que é uma pessoa de bem com a vida, etceterá e tal. Eu prefiro procurar definir claramente os objetivos ao invés de achar um problema, até porque assim, uma vez indo a campo pesquisar, se colhe informações semelhantes e contraditórias e não só as que se deseja.

Mas fica a sugestão de montar o projeto conforme a instituição ou o professor que se vai encaminhar. É melhor verificar os itens exigidos do que quebrar a cabeça.

Em todo caso, segue um exemplo de problema de pesquisa, bem simples, obviamente:

“Quais são as condições profissionais dos egressos do curso de Educação Física da Ulbra, Campus Cachoeira do Sul?”

Minha hipótese é...

Para os que optaram em achar um problema de pesquisa, é necessário levantar hipóteses, ou melhor, possíveis respostas que o pesquisador irá encontrar. É muito comum se perguntar a um pesquisador qual sua hipótese, o que ele acredita que vai encontrar. Nestes casos, o pesquisador responde: “trabalho com a hipótese de que...” e tira todo tesão da pesquisa. É como

estar na fila do cinema e alguém passar comentando que no final o mocinho morre.

Como viajante de primeira viagem, é óbvio que sempre se busca informações sobre o local, mune-se de mapas e dicionário, coisas assim. Se o viajante descobrisse tudo sobre o local desta forma, não haveria necessidade em viajar. O choque entre o antes e o depois é enorme. Por isto, não dê a importância que a hipótese não merece. Preocupe-se como fazer a pesquisa, que tipos de dados levantar, essas coisas.

Mesmo assim, se sua tarefa é construir hipóteses, veja seu problema de pesquisa e responda, num típico exercício de futurologia.

Seguindo no exemplo citado anteriormente, teríamos as seguintes hipóteses:

Os egressos do curso de Educação Física atuam profissionalmente em sua área, desde que exista campo de trabalho e boa remuneração;

Não havendo campo de trabalho ou sendo a remuneração não satisfatória, muitos dos egressos acabam atuando em outras áreas afins à sua formação;

Egressos atuantes em sua área de formação, realizando um trabalho que não condiz com as expectativas almejadas no decorrer do curso, tornam-se profissionais frustrados.

Quais são seus objetivos?

No item objetivos, você deve tentar responder de uma forma bem clara e simples o que pretende com a pesquisa, quais metas almeja alcançar ao término da investigação. Para isto é fundamental que elas sejam possíveis de se atingir.

Tem muito projeto de pesquisa que objetiva uma coisa e acaba analisando outra. É tipo político em véspera de eleição: promete mundos e fundos, mas depois de eleito não cumpre metade (já vi candidato ao legislativo prometendo coisas que compete tão somente ao executivo). Tem também muito livro no mercado que traz na apresentação ou na introdução uma plêiade de questões que diz analisar, mas não analisa, ou quando a faz é de maneira superficial.

Separe seus objetivos em geral e específicos. O primeiro é muito parecido com o título. Entretanto, procure explicitar o que pretende analisar ou investigar. Nos específicos, procure colocar em tópicos tudo aquilo que você deseja investigar. Fique atento para o fato de que são os objetivos específicos que vão proporcionar os questionamentos, qualquer que seja o método utilizado na pesquisa.

Assim, seriam objetivos:

Geral

Levantar as condições profissionais dos egressos de Educação Física da Ulbra, Campus Cachoeira do Sul / RS.

Específicos

Verificar em qual área os egressos estão atuando.

Verificar o nível de satisfação com relação à remuneração.

Delinear um perfil dos egressos e sua área de atuação profissional após conclusão do curso.

Justificando...

O item justificativa e relevância é pra lá de complicado. Isto por uma razão bem simples: muitas vezes não sabemos porque fazer determinada pesquisa é importante. Até porque, em matéria de ciência, não se faz pesquisa com um interesse imediatista, mas sempre a longo prazo (talvez resida aqui as dificuldades de conseguir verbas e financiamentos para pesquisas que não tragam benefícios pragmáticos, imediatos). De qualquer forma, devemos pensar no que ela poderá contribuir para a compreensão do objeto a ser pesquisado.

E fique atento, projeto de pesquisa nunca propõe intervenção no meio. Pode dar o nome que

quiser, projeto de extensão ou social, mas pesquisa não é modificar o meio. Ela vai, observa e vem embora. Pode parecer meio frio ou insensível, mas este é seu modo de operar. Quando e se voltar ao meio pesquisado, não será mais pesquisa. Claro que isto não invalida propor realizar posteriormente uma intervenção, até para mostrar um retorno à comunidade ou grupo social analisado.

Procure, neste item, justificar por que tal pesquisa deve ser realizada, quais motivos a justificam. Articule a relevância intelectual e a prática do problema investigado a sua experiência. Sei lá, invente, tente, faça uma pesquisa diferente.

Exemplo de justificativa:

Nos dias atuais, uma das preocupações que se tem ao escolher uma profissão é justamente saber se esta vai suprir as expectativas em relação ao campo de trabalho. Como a competição para entrar no mercado de trabalho é grande, torna-se grande também a procura pelos cursos superiores. Muitos são os casos de pessoas que não seguem a vocação, mas procuram um curso que as coloquem mais rápido no mercado de trabalho. Por este motivo, podem tornar-se profissionais frustrados, não conseguindo realizar-se profissionalmente.

Os teóricos, sempre eles!

Para que servem os teóricos? Esta é uma pergunta que se tornou freqüente nos últimos anos. Havia tempo em que metade ou mais de um trabalho era gasto com descobrir quais autores poderiam ser utilizados para embasar a pesquisa. Normalmente se fazia uma grande discussão teórica antes de se analisar os dados da pesquisa.

Hoje em dia, com a escassez de tempo e a quantidade de trabalhos publicados, se procura limitar o número de páginas. Dissertações de mestrado, que antes saíam com 450 a 600 páginas, hoje são escritas com no máximo 200 páginas. Teses de doutorado com 3 ou 4 volumes (algumas ultrapassavam 1.000 páginas!!!) hoje são escritas com 350 páginas. Limitam-se os próprios artigos científicos em 5.000 palavras, o que dá mais ou menos 10 páginas. Em termos de trabalhos universitários, é melhor fazer um pequeno ensaio de 3 ou 4 páginas do que um de 10 ou 15 páginas com conteúdo duvidoso, baixado da internet ou copiado de algum outro lugar.

Em ambos os casos, o pesquisador precisa escolher bem o que vai colocar num texto, sob risco de que ninguém o leia. Alguns entendem que se pode fazer uma discussão teórica junto com os

dados. Isto elimina a necessidade de um capítulo específico para discutir os autores com que se vai trabalhar.

No projeto, uma pequena mostra disto entra bem, ainda mais se o pesquisador consegue fazer um diálogo interessante entre seu tema e aquilo que os autores disseram. Desta forma conseguirá contextualizar seu objeto de pesquisa sem necessariamente trazer uma discussão enfadonha e estéril. Estará fazendo aquilo que sempre foi necessário, mas que não se deveria ter dado tanta ênfase: uma pequena revisão bibliográfica ou, como queiram alguns, um “estado da arte”.

Entretanto, ter, por exemplo, 80% de discussão sobre a teoria que embasa tal coisa e 20% para se discutir a tal coisa é no mínimo desvio de foco. Acreditem, ainda há muitas disciplinas de pós-graduações em que esta disparidade ocorre, provavelmente devido aos costumes e à própria tradição arcaica dos ministrantes. O engraçado é que muitos discutem magnificamente uma teoria e na hora de mostrar na prática são vazios de conteúdo, uma “mala vazia” como diriam os franceses. Trazem toda uma metodologia inovadora na teoria e no “vamos ver” não

acrescentam nada de novo. Transvestem de uma nova roupagem modos de fazer pesquisa antigos. Só falta o menino exclamar que “o rei está nu!”

Para os que não querem “encher lingüiça”, como se diz na prática, sugere-se definir claramente os pressupostos teóricos, as categorias e conceitos utilizados na pesquisa. É necessário ser sintético e objetivo; realizar um diálogo entre teoria e o problema a ser investigado.

Veja a seguir algumas dicas de como fazer um levantamento teórico.

Entrando na biblioteca

Para quem curte ler, entrar numa biblioteca é algo mágico. A biblioteca é para o aficionado em livros o que filmes são para o cinéfilo. Criar o hábito de leitura não tem idade, pode começar no berço ou na velhice. Escrever também não. Quantos escritores são temporãos? Luis Fernando Veríssimo ou o imortal Paulo Coelho se revelaram tardiamente, só para ficar em dois exemplos.

Através do livro, o leitor usa sua imaginação, algo que o cinema e a televisão não proporcionam. Umberto Eco sugere que não devemos ir à biblioteca com uma bibliografia pré-estabelecida. Devemos organizar uma quando lá

estivermos. Nos “perdendo” nela, encontraremos livros que não procurávamos. Como um fio de Ariadne, entraremos no labirinto a procura do Minotauro e de lá sairemos sãos e salvos. Obviamente, com o auxílio do orientador, poderemos ir buscar alguns livros, levar uma bibliografia básica.

O importante é não cair na comodidade de ficar só nos indicados, mas ir atrás de outras leituras, outros autores, outros conhecimentos. Tem muito professor que ao invés de orientar um aluno dá tudo mastigado a ele; ao invés de mostrar o caminho de como fazer uma pesquisa bibliográfica, chega ao cúmulo de passar os textos. Tem outros que vão além, indicando os livros e destacando as citações que os alunos devem retirar do texto. Azar de quem aceita isto, pois pagou para aprender e aprendeu pela metade.

O bom pesquisador é aquele capaz de entrar numa biblioteca sem a mínima idéia sobre um tema e sair dela sabendo um pouco mais sobre ele. Para isto é necessário dar liberdade de ação à intuição.

A primeira coisa a se fazer é procurar conhecer como funciona a biblioteca e decidir em conformidade. Ver como estão dispostas as

prateleiras, como nela estão organizados os livros, quais assuntos existem. Ver também se há um catálogo dos livros em fichários, organizados por ordem alfabética ou por assunto.

Nunca caia na tentação de assim que entrar pedir à bibliotecária ou às atendentes livros sobre o assunto que se quer. Isto é o cúmulo do pesquisador-preguiçoso. Peça a elas somente que expliquem como a biblioteca está disposta; não abdique de seu direito de procurar os livros. A maior parte das bibliotecas já estão informatizadas. Por isto, é necessário conhecer o programa utilizado.

Pelo computador, além dos livros disponíveis nas prateleiras, você pode pesquisar o SCUD, um sistema que inter-liga as bibliotecas participantes e permite a troca de artigos científicos. Assim, por uma pequena taxa de envio, você pode ter acesso a periódicos de todo país. Ou ainda pesquisar em páginas como o www.scielo.com.br, que busca artigos em periódicos científicos reconhecidos nacional e internacionalmente.

E um cuidado. Não baseie seu referencial teórico em qualquer página da internet. Lembre-se que 99% das páginas disponíveis no mundo da

web são pessoais, portanto sem valor científico. Para diferenciar, é necessário que seja um artigo científico, com autor e seus dados comprovando que ele é profissional e atua em alguma instituição ou similar, partes definidas como resumo, introdução, referencial teórico citações de outros pesquisadores, metodologia, resultados, conclusão e bibliografia. Faltando algum destes itens, fique atento; faltando muitos, descarte a página.

Qualquer uma das hipóteses, fichários ou via computador, não exclui a procura nas prateleiras. Aliás, esta sempre foi e vai continuar sendo a melhor forma de descobrir algum livro. E mais, uma visita não bastará. Não é preciso ser nenhum “rato de biblioteca”, mas visitá-la três vezes ou mais é importante.

Fazendo fichas de leitura

Fichas de leitura são tão antigas quanto o próprio livro. Elas são imprescindíveis e indispensáveis para quem estuda ou pesquisa algo. Elas substituem as anotações nas bordas das páginas dos livros. Isto porque, à medida que se lê, vai-se pensando sobre aquilo que está escrito, surgindo novas idéias; as idéias literalmente explodem na sua cabeça.

Lembre-se, “não deixe nenhum pensamento passar incógnito”, como escreveu Walter Benjamin. Mantenha suas anotações rigorosamente atualizadas. “Quanto mais refletidamente você retarda a redação de uma idéia que ocorre, mais maduramente desdobrada ela se oferecerá a você”. As fichas são a materialização destas idéias pois nelas você pode colocar tudo aquilo que pensou, mesmo que mais adiante não venha a utilizar.

Um catatau de material procede a escrita de qualquer artigo que se preze. Algo como 90% de transpiração (trabalho braçal e cansativo) e 10% de inspiração. Até porque é necessário tornar “sua pena esquiva à inspiração, e ela a atrairá com a força do ímã”. Não adianta querer que o santo ajude na hora da escrita. É com você mesmo.

Uma ficha de leitura é montada de acordo com sua finalidade. O que importa é que ela contenha dados que serão posteriormente indispensáveis na hora de passar à redação. Nela se registra resumos, opiniões, citações e tudo o mais que puder servir para referir o livro.

Um dos itens fundamentais é a indicação completa dos dados bibliográficos, com autor, título do livro, editora, local da edição, página,

etc. Isto para não precisar sair procurando depois estes dados, ainda mais se você trabalhar com livros que não lhe pertencem e que podem estar indisponíveis quando você precise consultá-los novamente.

Um primeiro modelo de ficha sugerido é o de “citações diretas”. Após os dados bibliográficos (mais adiante mostraremos as várias maneiras de referenciar os livros), se transcreve literalmente, sem mudar nenhuma palavra ou estrutura daquilo que o autor escreveu. Por isto se utilizam aspas, para lembrar que aquilo é cópia exata do que estava escrito. Caso seja necessário suprimir uma parte do parágrafo ou da frase, utilize o “(...)” ou “[...]”, sempre tendo o cuidado para não tirar o sentido do texto.

Este modelo é o mais recomendado porque na hora da redação, as palavras exatas do autor podem ser modificadas (sem mudar o sentido, obviamente), fazendo de uma citação direta uma citação indireta. O contrário não é verdadeiro. Uma citação indireta (onde se mudam as palavras do autor) não pode ser transformada numa citação direta (mais adiante também vamos sugerir como escrever um artigo).

Após a citação, podem ser colocadas aquelas idéias que se teve ao ler. São as mesmas idéias que se costuma anotar nas bordas das páginas dos livros. Este tópico pode ser chamado de “comentários”. Nele são colocados tudo aquilo que se pensou, lembrou ou imaginou, mesmo que não sejam utilizados na escrita. Por esta razão, sugerimos que a ficha de leitura seja construída à medida que se esteja lendo e não ao término, uma vez que depois os pensamentos se foram e podem não mais voltar ou voltar de forma distorcida e fragmentada.

O segundo modelo de ficha de leitura é o da “citação indireta”. Como dito anteriormente, nela se modificam as palavras do autor sem tirar o sentido. São aconselháveis para textos longos onde se quer abarcar o ponto central da idéia do autor, não escritas num só parágrafo. Como no primeiro modelo, pode-se separar a citação indireta do comentário ou fazê-los de forma conjunta.

Ao final de ambos modelos, sugerimos ainda colocar as palavras-chave. Elas possibilitarão organizar melhor as várias fichas posteriormente em assuntos, algo necessário para se analisar os dados.

A seguir, os dois modelos:

Modelo citação direta

1. Referência bibliográfica: BERMAN, Marshall. Aventuras no Marxismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. capítulo 13, Melodia Livre (resenha do Manifesto)

2. Citação: “Essa expansão global põe a nu de maneira espetacular as ironias da história. Esses burgueses são banais em suas ambições, mas sua busca incansável por lucro incute neles o mesmo impulso insaciável e horizonte infinito característico dos grandes heróis românticos. [...] Eles podem só pensar numa coisa, mas seu raio de mira estreito abre as mais amplas integrações; sua perspectiva rasa forja as mais profundas transformações; sua atividade econômica pacífica devasta como uma bomba toda e qualquer sociedade humana”. p. 283

3. Comentário pessoal: relacionar influência da modernidade burguesa no modo de vida global, ao qual todos estamos inseridos;

4. Palavras-chave: modernidade – globalização - destruição

Modelo B – citação indireta

1. Referência bibliográfica: BERMAN, Marshall. Aventuras no Marxismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. capítulo 13, Melodia Livre (resenha do Manifesto)

2. Resumo: O autor diz que a expansão global pôs a nu de maneira espetacular as ironias da história. Para ele, os burgueses são banais em suas ambições, “mas sua busca incansável por lucro incute neles o mesmo impulso insaciável e horizonte infinito característico dos grandes heróis românticos”. Ele entende que os capitalistas só podem pensar numa coisa: o lucro. Em compensação, acredita que essa pequena visão abriu as mais amplas integrações. Tal perspectiva rasa teria forjado as mais profundas transformações. E conclui dizendo que “a atividade econômica pacífica devasta como uma bomba toda e qualquer sociedade humana”. p. 283

3. Comentário pessoal: relacionar influência da modernidade burguesa no modo de vida global, ao qual todos estamos inseridos;

4. Palavras-chave: modernidade – globalização - destruição

Organizando o material

Depois de levantado o material, organize-o por assunto ou conceito. Fica fácil se nas fichas de leitura você pôs o item 4, as palavras-chave. São elas que, de uma maneira geral, sintetizarão o assunto da ficha. Assim, na hora da escrita, reorganize as fichas por assunto e comece a escrever, alternando citações com comentário próprios (o item 3 das fichas, comentários, pode e deve ser utilizado nesta hora). Lembre-se de

fazer sempre a ligação das citações com seu tema de pesquisa.

Na escrita, procure colocar as idéias dos autores de forma encadeada. Uma citação deve ter algo a ver com outra. Caso contrário, vai ficar parecendo um amontoado de idéias desconexas. Pode-se alternar citações diretas e indiretas. Evite citações diretas em bloco, aquelas que no texto aparecem com letra menor e recuo de parágrafo. Isto porque, a maioria dos leitores acaba simplesmente pulando tais citações. E por uma razão bem simples: o interesse no trabalho é sobre o que a pessoa escreveu de fato, pensou e analisou, e não o que outros escreveram.

Para que sua escrita não se torne desconexa, procure “quebrar” as citações diretas. Isto é possível com o uso de palavras de ligação, muito vistas em textos de jornal, onde a fala dos entrevistados é posta de maneira inteligível.

Segue um exemplo de texto teórico feito com a montagem:

[...] Se apropriar da história não exclui a análise sociológica. O historiador Peter Burke (2002, p.37) diz que “vivemos em uma era de linhas indefinidas e fronteiras intelectuais abertas, uma era intrigante e, ao mesmo tempo, confusa”. No livro História e Teoria Social traça os caminhos que levaram

ao surgimento do discurso compartilhado entre História e Sociologia, ou para empregar sua própria expressão, “teoria social” (que inclui “teoria cultural”). Segundo ele, historiadores e teóricos sociais nunca perderam contato por completo, mas este discurso compartilhado, longe de convergir a um denominador comum, já apresenta-se como uma relação de constante mudanças entre ambas ciências, apesar de ainda ser considerado um “diálogo de surdos”, para ficar nas palavras de Fernand Braudel (apud Burke, 2002, p.14). Também Paul Veyne (1983, p.43-46) diz que a verdadeira história é sociológica, não se limitando a narrar ou a entender os fatos passados, mas a estruturá-los a partir de conceitos. Assim, a história seria definida como o inventário explicativo daquilo que há de social no homem, das diferenças manifestadas por este aspecto social. Numa história da ou das leituras, há de se levar em conta a existência de técnicas ou de modelos de leitura que organizam as práticas da comunidade e o princípio de organização da diferenciação, algo difícil tanto para historiadores quanto para sociólogos (Chartier, 1998, p.92).

O exemplo de “quebrar” a citação em pedaços pode ser visto também aqui:

Max Weber (1968, p.227-257), em seu texto Burocracia e Direito, enumera dez pontos tornados importantes na administração burocrática: precisão, velocidade, clareza, conhecimento dos arquivos, continuidade, descrição, unidade, subordinação

rigorosa, redução do atrito e dos custos de material e pessoal. Diz que “em comparação com todas as formas colegiadas, honoríficas e avocacionais de administração, a burocracia treinada é superior, em todos esses pontos”. E mais: “no que se relaciona com tarefas complicadas, o trabalho burocrático assalariado não só é mais preciso, mas, em última análise, freqüentemente mais barato do que até mesmo o serviço honorífico não-remunerado formalmente”, explica.

Enfim, procure tornar sua escrita uma forma de raciocínio inédito e não, volto a dizer, uma bricolagem de citações alheias.

Avaliando a bibliografia

Alguns programas de pós-graduação exigem que se faça uma avaliação da bibliografia, ou resenha resumida dos autores teóricos que se vai trabalhar. Como muitos sugerem uma bibliografia básica (dentro das diversas linhas de pesquisa que trabalham os professores), é de bom alvitre ler alguns dos livros sugeridos e incluí-los neste item. Isto vale também para o referencial teórico, obviamente.

Livros bem escritos trazem normalmente na introdução ou na apresentação um interessante apanhado, especificando ligeiramente do que trata cada parte ou capítulo. Isto não exclui a obrigatoriedade de se ler o livro mas auxilia no

seu entendimento. Costuma-se utilizar no máximo um parágrafo por autor. Isto quer dizer que se você vai resenhar mais de uma obra de um mesmo autor, deverá fazer de modo mais do que resumido (lembre-se que o próprio projeto de pesquisa não pode ser muito extenso).

Como fazer a pesquisa?

Metodologia de pesquisa é o modo de fazer a pesquisa. É uma descrição formal dos métodos e técnicas a ser utilizadas. A metodologia talvez seja o item mais importante da pesquisa, afinal de contas, ela vai ser o cerne do trabalho. Nosso sucesso dependerá de como fizermos a pesquisa. Podemos ter um tema extraordinariamente interessante e utilizarmos um método simples demais; podemos ter um tema já batido mas olharmos ele sob outro ângulo.

Antes de propormos uma metodologia, é necessário uma pequena inserção no local a ser pesquisado, até para ver se aquilo que pretendemos conhecer e analisar de fato existe. Feito esta exploração de campo, devemos definir uma amostragem da nossa pesquisa, levando em consideração que nunca conseguiremos pesquisar a totalidade daquilo que pretendemos. Mesmo numa micro-pesquisa entre professores municipais

de uma pequena localidade, pode acontecer de não obtermos os dados totais. Esta amostra, como o próprio nome diz, é uma pequena parcela do todo. Por isto, é importante ela ser de alguma forma representativa, apresentar os mais diversos pontos de vista. Isto vale para qualquer tipo de método adotado, desde a análise de discurso (exemplo: uma análise só dos discursos de posse de um presidente) até a aplicação de um questionário.

O passo seguinte é definir os instrumentos de pesquisa ou a técnica da coleta de dados. Podemos utilizar um ou mais modo de buscar estas informações. Para aqueles que têm tempo, recomenda-se a segunda opção, como forma a cruzar dados obtidos.

Há vários tipos de metodologia que podem ser empregadas de acordo com a situação e opção pessoal. Elas se dividem em *experimental*, que permite ao pesquisador provocar e produzir fenômenos em condições de controle, e *não-experimental*, onde não se manipula variáveis, mas as isola, não se provoca eventos, mas observa-se e registra-se.

Na experimental, se tem a de laboratório, onde pode-se experimentar uma entidade física (líquidos, bactérias, animais) ou objetos sociais

(pessoas, grupos ou instituições). No segundo caso, é necessário ser aprovado antes, muitas vezes, por um conselho de ética.

As não-experimentais podem ser de várias maneiras:

A *bibliográfica* é constituída exclusivamente por fontes bibliográficas, como livros, artigos, resenhas, etc. Este tipo permite cobrir amplamente um tema, mas pode reproduzir erros, uma vez que se analisa a partir da visão de outros autores. Praticamente todos tipos de pesquisa se utilizam de fontes bibliográficas para escrever o referencial teórico, portanto realizam também uma pesquisa bibliográfica. As dicas de como proceder neste tipo de metodologia são idênticas ao como montar um referencial teórico (uso da biblioteca, fichas de leitura, organização do material por assunto, etc.). Uma sugestão para aqueles que querem fazer uma pesquisa bibliográfica é consultar, além de obras sobre o tema pesquisado, um especialista na área. Por exemplo, num trabalho sobre Machado de Assis, fica interessante entrevistar um crítico literário especialista em obras deste escritor. É uma forma bem simples de cruzar métodos para melhor cercar o objeto de pesquisa.

Uma pesquisa semelhante à bibliográfica é a *Documental*. Ela difere pelas fontes que utiliza. Na pesquisa documental, os materiais ainda não receberam tratamento analítico (ou, se já, podem ser reelaborados). Diz-se que são de primeira mão os documentos históricos: atas do poder executivo; leis do legislativo; sentenças do judiciário; reportagens, crônicas, charges, editoriais e manchetes de jornal; correspondência de pessoas comuns, etc. Estas são muito utilizadas por aqueles que trabalham com história, recebendo novas leituras ao longo dos anos. As fontes de segunda mão são os dados estatísticos, levantados periodicamente pelas mais diversas entidades públicas e privadas (exemplo: dados do censo do IBGE). Estes dados são mais utilizados por estatísticos e economistas, que baseiam muito sua análise em algo quantificável.

Para as áreas ditas “humanas”, a *entrevista* é o método mais recomendado. Ela consiste num diálogo realizado entre pesquisado e pesquisador. Ela é sempre feita com descrição. Para tanto, procure um ambiente propício. Se você está desenvolvendo um trabalho na área da saúde e propôs entrevistar um médico, não o faça na sala de cirurgia ou em seu plantão. Procure marcar uma

hora na agenda do entrevistado (neste caso, 1 hora é um bom tempo para realizá-la). Se for no consultório, certifique-se de que ele não interromperá a entrevista para conversar com os pacientes, a fim de não perder o fio da conversa (desligar o telefone já é pedir demais). Isto vale para todos profissionais, independente de quão são ocupados.

Na conversa, procure não desviar do assunto em pauta, não discuta com o entrevistado nem coloque suas opiniões sobre o assunto (já presenciei entrevistadoras que começaram a contar problemas de sua vida pessoal, literalmente “desabafaram” com o entrevistado); procure falar pouco, limite-se a perguntar. Uma forma educada de fazer ele repetir um pensamento, isso se ele falar muito rapidamente, é retomar uma parte da conversa, enfatizando-a: “então quer dizer que o senhor acredita que...” Esta técnica permite que a entrevista tome rumos inesperados, siga por assuntos não pensados inicialmente. Procure sempre explorar o que diz o entrevistado. Ouça tudo com atenção e anote tudo que for possível ou utilize um gravador (pergunte antes se pode gravar a entrevista e esteja pronto para ouvir respostas negativas).

Para ir bem preparado para uma entrevista, o ideal é levar um bloco de anotações/rascunho. Na folha de capa, anote os tópicos a serem questionados. A medida que o entrevistado for falando, procure ir anotando frases-chave, poucas palavras que resumam o que ele disse, ou palavras-chave, palavras que permitam posteriormente lembrar do que ele quis dizer.

Outra técnica comumente utilizada é a do *questionário*. Este método permite que se pesquise um grande número de pessoas, pois é mais fácil de ser respondido. Ele também permite o anonimato daqueles que o respondem, o que torna mais cômodo para alguns. Em compensação, ao tornar impessoal a pesquisa, perde-se as atitudes, o modo como o entrevistado responde, seu comportamento, seu nervosismo ou segurança, a expressão de seu rosto, seu olhar, enfim, todo contexto em que está envolvido. Esta técnica não é recomendada para um pequeno número de pessoas, por exemplo, menos de dez.

O questionário pode ser montado com respostas abertas e/ou fechadas. Abertas são aquelas em que a pessoa pode responder livremente. Nas fechadas ela tem algumas opções e deve escolher uma delas (na análise de dados

sugerimos algumas formas de trabalhar com as respostas). Em ambas, as perguntas devem ser claras e bem articuladas. A própria disposição deve seguir uma seqüência lógica, do assunto mais simples ao mais completo. No início, pode-se colocar os dados pessoais (exceto nome), como idade, profissão, sexo, bairro onde mora, etc. Também é de bom alvitre colocar um pequeno texto antes das perguntas, explicando do que trata a pesquisa, quais suas finalidades, como preencher o questionário, e dizendo que as informações ali serão confidenciais. Isto principalmente quando se deixe o questionário para as pessoas responderem. Quando se faz pessoalmente, deve-se explicar verbalmente esses itens.

Uma variante do questionário é a chamada pesquisa de *opinião* ou *atitude*. São mais utilizadas para se ver especificamente quais atitudes, pontos de vista e preferências têm as pessoas. Podem aparecer como pesquisa de motivação e pesquisa para análise de trabalho. Outra variante é o levantamento, que nada mais é do que uma interrogação direta, a exemplo do censo, onde se seleciona uma amostra da população para projetar a totalidade do universo investigada. Como aspecto positivo tem-se a economia e rapidez, pois

permite quantificar os dados. Suas limitações são: percepção subjetiva da realidade por parte dos entrevistados, pouca profundidade no estudo da estrutura e dos processos sociais e limitada apreensão do processo de mudança.

Para determinadas áreas do conhecimento, uma metodologia em voga é o *Estudo de caso*. Nele, se faz uma indagação em profundidade para examinar aspectos particulares. Busca-se casos típicos, extremos ou marginais, selecionados com base em critérios pré-estabelecidos. Quem utiliza tal método, fica impossibilitado de generalizar os resultados.

Um tipo de pesquisa que apareceu nas ciências humanas, enxertado das ciências experimentais, é a *pesquisa-ação*. Quem dela se utiliza, acompanha as modificações do processo estudado, voltando sua atenção para a solução de um problema real e concreto. É um processo circular de indagação e análise, que parte de problemas práticos. Tem-se uma intervenção participativa, onde os próprios pesquisados determinam rumo do trabalho, cabendo ao pesquisados interpretar. A proximidade deste tipo de metodologia com a pesquisa experimental se deve ao fato de que, de alguma forma, o

pesquisador pode fazer experimentos com o grupo pesquisado.

Da antropologia vem dois tipos de métodos. O *descritivo*, que busca interpretar a realidade sem nela interferir, e o *etnográfico*, que é uma técnicas para coletar dados sobre valores, hábitos, crenças, práticas e comportamentos, em suma, uma descrição cultural de determinado grupo social. Em ambas, há uma interação entre o pesquisador e os pesquisados. Procura-se contextualizar o fenômeno estudado, enfatizando o processo e não o resultado. Busca-se, acima de tudo, retratar a visão dos pesquisados. Por isso a necessidade de se ter um contato direto e prolongado com os pesquisados. Este tipo de pesquisa necessita uma grande quantidade de dados descritivos. Sua vantagem é ser flexível. Sua desvantagem é o tempo e a disposição necessários.

Qualquer que seja o método adotado, convém sempre realizar pré-testes, principalmente em projetos de maior duração.

E fique atento! Para qualquer tipo de pesquisa será necessário buscar subsídios em leituras teóricas, autores que se utilizaram de

determinada forma de pesquisar e que embasam a futura pesquisa. Isto deve estar escrito no projeto.

Por fim, não esqueça de elaborar uma espécie de documento que comprove que você informou o sujeito da pesquisa sobre seus direitos. Isto poderá ser útil caso alguém não goste dos resultados apresentados e escolha o caminho judicial para pleitear indenização.

Prevendo as fontes

Um item exigido por alguns programas de pós-graduação é o da previsão de fontes de pesquisa. Importante, diga-se de passagem, uma vez que quem se candidata deve, no mínimo, mostrar que sabe onde vai realizar sua pesquisa e que tais dados estarão acessíveis. Imagine propor um belo de um projeto, ser aprovado e, na hora “H”, as fontes não estarem disponíveis!

Tive dois alunos que, em determinado semestre, propuseram uma pesquisa com determinado tema. Por serem um tanto acomodados, levaram metade do semestre sem se preocupar com a acessibilidade das fontes. Na hora de aplicar os instrumentos de pesquisa, descobriram não ser possível. E só tentaram resolver este problema quando o prazo para entrega do relatório já havia expirado. Aí era tarde demais, pelo menos para aquele semestre.

Sempre ao propor uma pesquisa, dê atenção especial para as fontes. Veja se estão à mão. Evite dores de cabeça futuras.

Quanto vai custar?

O *orçamento* é um item necessário para projetos que exigem financiamento especial para material permanente, como laboratório ou clínica. Em algumas áreas, há necessidade de pessoas para aplicar os instrumentos de pesquisa (por exemplo, questionários). Se assim for, é preciso prever os gastos, se não se quer ver a iniciativa naufragar ou “morrer na praia”.

Esqueleto

O *Plano preliminar de conteúdos* é o esqueleto da monografia. Nele se procura mostrar como será abordado o tema escolhido, quantas partes e capítulos terá o resultado final. Obviamente, isto é um tanto complicado em determinadas áreas, onde a construção final se dará a partir do que se encontrar na pesquisa.

Prevendo as etapas

Cronograma é a representação gráfica da previsão da execução de um trabalho, na qual se indicam os prazos em que se deverão executar as suas diversas fases ou o tempo necessário para realização de cada uma das etapas propostas, exposto em forma de gráfico.

Guia dos autores

Referências bibliográficas ou simplesmente *Bibliografia* é a parte do trabalho onde se dispõe em ordem alfabética a lista dos livros, periódicos ou artigos citados. Eles podem ser postos separadamente ou juntos. A própria ordem varia, sendo o mais comum da seguinte forma:

Livros

SOBRENOME, Nome. *Título* (em itálico). Tradutor (quando houver), Edição (se for a primeira não precisa aparecer), local da edição: editor, data da edição, nº pgs (opcional)

Exemplos:

SILVA, João da. *Fausto em Copacabana*. Tradução de João Araújo, 2ª ed., Porto Alegre/RS: Jameson, 1988, 385 p.

RIBEIRO, Lara J. *Entre as cidades sagradas: o possível e o desejo*, In: RIBAS, Leonardo (org.). *Cidade de Deus*. Rio de Janeiro: Lamir, 1996, p.23-36

LAVI, Georg. *A desilusão*. In: VELHO, Luiz. *O farol*. Salvador/BA: Louvados, 1987, p.12-54

O “In” significa que determinado artigo está dentro do livro citado posteriormente. Assim,

o texto de Ribeiro pode ser encontrado no livro de Ribas. Não confunda com “apud” que significa que o autor citou um trecho de uma citação que não a do original. Por exemplo. Ribas citou Silveira. Ribeiro gostou da citação e quis utilizá-la também. Como quem afirmou aquilo foi Silveira e não Ribas, Ribeiro utilizará a expressão “Silveira apud Ribas”, que significa que a afirmação original é de Ribas, mas foi utilizada pelo Silveira, de quem Ribeiro retirou. Difícil, leia de novo e veja se entenda.

Artigos de Revista

SOBRENOME, Nome. *Título do artigo* (em itálico). In: *Título da Revista*, volume e nº do fascículo, mês/ano, nº pgs.

PALOCI, Fátima de. *Tensões e ambigüidades: a modernidade*. In: *Revista Plus*. Departamento de Literatura. São Paulo: Papil, 1º semestre, nº 1, 2ª ed., 1994, p.45-78

Significa que o artigo de Paloci está publicado dentro da *Revista Plus*.

Internet

Para citar páginas na internet, procure copiar, além do autor e do título, o endereço completo que você está acessando. Não só a página inicial, por exemplo www.scielo.com.br,

mas todo endereço. O mais fácil é copiar do próprio link do programa. Em seguida, coloque entre < > a data que foi acessado.

Clipes

Em determinados projetos, é possível incluir o item *Anexos*. Nele, colocamos os modelos de instrumento que utilizaremos na pesquisa e toda outra informação que julgarmos necessário para melhor compreensão do projeto. Podemos anexar, por exemplo, o questionário a ser aplicado ou as perguntas da entrevista. Ou ainda o modelo de fichas de observação.

Dicas de formatação

Penso que um texto deve ter, antes de tudo, apresentação estética. Para tanto, sugiro as duas fontes mais usadas: *Times New Roman*, tamanho 12, para o corpo do texto, e 10 para citações em bloco; ou *Arial*, tamanho 10, corpo, e 9, citação. Adotando uma delas, usa-se, obviamente, até o final. No título do artigo pode ser usado um tamanho um pouco maior, 16 ou 18, em negrito. Para os sub-títulos, mesmo tamanho do corpo de texto, só em negrito. As margens, para não complicar, use 3 cm em ambos os lados.

Nos parágrafos, sugiro centralizado para a capa do projeto de pesquisa. No artigo,

centralizado para o título, direito para os autores e justificado para os demais. No resumo, fica bem apresentado colocá-lo em itálico, sem recuo ou avanço na primeira linha. No restante do texto, avance 1,25 cm na primeira linha, inclusive nos sub-títulos e nas referências bibliográficas. Em parágrafos de citação em bloco (letra menor), use recuo do lado esquerdo de 3 cm e sem avanço na primeira linha. O espaçamento entre linhas pode ser duplo ou 1,5. Este último é o mais utilizado atualmente. Para parágrafos de citação em bloco use sempre espaçamento simples. Por fim, o espaçamento depois do parágrafo pode ser de 6 pontos.

O artigo não vai capa. Use somente para o projeto. Bem acima, escreva o nome da Universidade e o curso ou programa. Um pouco acima do centro da página, vai o título em negrito, e um pouco abaixo o nome do autor, também em negrito. Mais abaixo, a que o projeto se destina. Ao final da página vai a cidade e a data (mês/ano).

Relatório de Pesquisa

Após realizar a pesquisa, partimos para a fase seguinte, que é a de analisar o que foi pesquisado e apresentar tais resultados de forma que outras pessoas compreendam.

A análise dos resultados pode ser apresentada através de tabulação, gráficos, quadros, mapas, estatísticas para análise, interpretações e/ou conclusões.

A primeira forma de que dispomos os dados é de maneira bruta, não lapidada ou trabalhada. Se gravamos e transcrevemos uma entrevista com determinada pessoa, teremos em mãos um relato completo. Neste exemplo, não divisamos tudo aquilo que a pessoa falou pois o relato ainda está embaralhado. É necessário organizá-lo. Uma forma de organizar os dados de pesquisa é a utilização de fichas, as mesmas usadas na construção do referencial teórico do projeto. Não se trata simplesmente de dividir as perguntas e respostas em fichas, pois o que o entrevistado falou sobre determinado tema pode estar espalhado em vários lugares da entrevista. Trata-se de retirar partes da fala do entrevistado, juntando-a com outras partes que sejam do mesmo assunto, e, em seguida, procedermos de comentários pessoais, que constituem-se em nossa própria análise. Um modo de fazer isto é imprimir a entrevista e recortar, literalmente, as partes que falam de determinado tema. Feito isto, organize o material, copiando e colando as partes

semelhantes. Junte análise, palavras-chave e cabeçalho com iniciais do entrevistado e está feita a ficha. Imprima-as novamente e terá em mãos os dados bem organizados e de fácil acesso.

Tais fichas podem ser de várias formas. Eu divido-as em fonte primária citada ou comentada, fonte secundária citada ou comentada e arquivo de idéias (idéias que surgem à medida que se desenvolve o trabalho).

Fonte primária citada

Entrevista com 26 crianças da escola Bahia do Cobre
Pergunta: Quais atividades realizam durante o tempo de convívio em família?
Resposta:
a) Realizam tarefas domésticas, sem ter tempo para os filhos: 16
b) Olham televisão: 9
c) Acompanham a aprendizagem dos filhos: 1
Comentários pessoais: apesar da maioria auxiliar os pais, grande parte se limita a olhar TV
Palavras-chave: família - atividades

Fonte primária comentada

Entrevista com 5 professores da Escola Bahia do Cobre
Resumo: Perguntamos se eles percebiam diferença no desenvolvimento da criança, a partir do acompanhamento dos pais na sua vida escolar? Um se

limitou a responder que “Sim”; outro disse que é importante para a criança saber da participação dos pais, pois elas sente-se mais segura. Um terceiro explicou que as crianças que têm pais envolvidos apresentam um maior desenvolvimento na escola. O quarto professor disse perceber que toda a criança que os pais são atuantes ficam mais seguras, menos carente e mais interessadas. O último ressaltou que os pais que incentivam e conversam reflete na forma como a criança faz seus trabalhos e participa das atividades.

Comentários pessoais: ambos professores entrevistados acreditam ser importante a participação dos pais no desenvolvimento escolar dos filhos

Palavras-chave: família – desenvolvimento educacional

Fonte secundária citada

ROHDE, Geraldo Mário. Cachoeira do Sul: uma perspectiva ambiental. Canoas: ULBRA, 1998, 268p.

“O abatimento em que mergulhou Cachoeira do Sul, iniciado na década de 40, foi agravado e aprofundado especialmente na década de 80. na década de 90, atingiu a sua intensidade maior, como um círculo vicioso de incapacidade e inércia, paralisação e falta de iniciativa”. p. 21

Comentário: Decadência: imaginei que o ciclo tinha começado no final dos anos 70, começo dos 80, como em toda agricultura. Acentuado pela importação de arroz (principalmente chinês???). Pode ser que o

autor adote esta perspectiva histórica para, mais adiante, mostrar que a agricultura não é a saída, ou algo parecido.

Palavras-chave: crise econômica - agricultura

Fonte secundária comentada

ROHDE, Geraldo Mário. Cachoeira do Sul: uma perspectiva ambiental. Canoas: ULBRA, 1998, 268p.

Em 1993, o IPEA registrou que Cachoeira do Sul era a cidade com mais miséria per capita. As percentagens não batem, 38% da população total era indigente (publicado no JP), ou 26% (publicado na ZH). Consideraram indigente aquele cujo poder aquisitivo lhe permitia comprar apenas a cesta básica mensalmente. Outros dados: 65% da população infantil vivem em situação de miséria e 76% de crianças entre 0 e 6 anos vivem em domicílios urbanos com esgoto sanitário inadequado. Nova pesquisa em 1995: CS tem 89 mil habitantes, dentre estes 30 mil são considerados indigentes (superpobres). 1996: pesquisa FEE, CS ocupa a colocação 239 quanto à qualidade de vida. O grau de indigência atinge 30,02% da população. 1997: “Cachoeira do Sul tem uma das piores distribuições de renda do Rio Grande do Sul, concentrando a renda de forma injusta e distribuindo miséria de forma gritante” (JP). P. 45

Palavras-chave: indigentes

Arquivo de idéias

Novo Hamburgo - o olhar do habitante na cidade: a transformação no uso da rua ocasionada pelas inovações tecnológicas

Em 05/05/97 durante a leitura de “Relação entre história e literatura...” de Sandra Pesavento, especificamente na página 123 - “o malandro ganhava status, travestido na figura do dandy ou do boêmio” - surgiu a idéia de utilizar o dandy de Benjamin para tentar explicitar e até explicar o nuveo-richie hamburges, encontrado principalmente após a explosão de crescimento da cidade, e tornando-se figura simplória entre o meio social. O dandy sobre duas facetas: 1) os novos-ricos que esbanjam símbolos de riqueza e são, de certa forma, desprovidos de um “charme” da classe privilegiada, identificam-se com a classe econômica alta, pelos símbolos de riqueza, mas não pela educação, boas maneiras; 2) os ricos de outrora que atualmente despossuídos de seu padrão econômico que os colocaram como tal (não são pobres, mas a riqueza já está dilacerada), ainda procuram ostentar símbolos de riqueza. Possuem estilo, status, mas não mais o poderio econômico. Ambos podem ser mostrados por esta figura...o dandy.

Palavras-chave: dandy – novos ricos – estilo - decadência

Calculando a percentagem

Para calcular a percentagem ou porcentagem de uma pesquisa, sugiro a *Fórmula de Jeferson*. Numa calculadora simples é só pegar o número de determinada resposta dividido pelo total de respostas e apertar tecla %. Exemplo: 5 / 30% = 16,6.

Se quiser calcular de outra forma, sugiro a regra de 3.

Resumo

Normalmente elaboramos o resumo depois de termos escrito o artigo. Em que pese esta ordem natural das coisas, acredito que podemos escrevê-lo antes, uma vez que já sabemos dos principais resultados encontrados.

As partes que o compõe são: título, autores, introdução, objetivo, metodologia, resultados obtidos e conclusão, palavras-chave e identificação dos autores. O tamanho é de, no máximo, 300 palavras.

O título é o mesmo usado no projeto e no próprio artigo. A disposição do nome dos autores vai variar de acordo com a área. Nas ciências humanas, usa-se normalmente o nome completo. Nas ciências exatas, adota-se comumente o sobrenome em caixa alta procedido das iniciais.

Em ambos, é possível identificar os autores com asteriscos ou números sobrescritos, colocando no final suas habilitações e as instituições de que fazem parte. Estes dois itens são postos de parágrafos separados.

Após, em parágrafo único, colocamos o resumo propriamente dito. Iniciamos com a *introdução*, normalmente uma pequena frase que pode ser retirada do projeto e que sintetize o tema. Em seguida, colocamos somente o *objetivo geral*, nunca os objetivos específicos, pois queremos mostrar o âmage do que pesquisamos. Após, a *metodologia* utilizada na pesquisa, também de forma resumida, limitando-se ao tipo ou tipos de instrumentos usados e o público-alvo. Os *resultados obtidos*, postos em seguida, são a parte mais importante do resumo. É com eles que devemos gastar mais espaço. Sempre colocados de forma sucinta, devem mostrar em poucas palavras o que foi encontrado na pesquisa. Tal se fossem tópicos, pode ser utilizado ponto-e-vírgula para separá-los. Por fim, a *conclusão* que limita-se numa pequena frase, concluindo de maneira geral o pesquisado.

Num parágrafo seguinte, coloca-se de três palavras-chave, resumindo os temas pesquisado.

Após, num último parágrafo, a identificação dos autores.

Teríamos como exemplo:

Abstinência na prática da Educação Física em escolas municipais públicas de Cachoeira do Sul e Faxinal do Soturno/RS.

João da Silva Moura, Lucilda Osmarina, Rômulo Farias* e Kleber Polent (orient.)**

[introdução] Nos dias atuais, várias são os pretextos apresentados pelos alunos para se absterem da prática de Educação Física. [objetivo] Nosso objetivo foi investigar as causas que levam os alunos a não praticar atividades físicas em algumas escolas municipais de Cachoeira do Sul e Faxinal do Soturno/RS, procurando verificar a infra-estrutura, metodologia de ensino, relacionamento professor-aluno, entre outros. [metodologia] Para obteremos tais respostas, aplicamos questionário aberto em quatro diretores, seis professores e 30 alunos das respectivas escolas. [resultados obtidos] Pudemos verificar que a abstinência da atividade física nas escolas se dá pela infra-estrutura precária e da impossibilidade dos alunos realizarem as atividades com o devido uniforme. A metodologia empregada nas aulas e o inter-relacionamento professor-aluno é satisfatório. As condições financeiras, tanto por parte dos alunos quanto por parte da escola, é o fator determinante para a não prática de atividades físicas. [conclusão] Como

conclusão, podemos ressaltar a importância vista na prática de atividades físicas na escola, justificando-se assim, maiores investimentos na área, uma vez que encontra-se debilitada. [total: 161 palavras]

Palavras-chave: Educação Física – escolas municipais – abstinência física

Identificação:

Universidade Luterana do Brasil, Campus Cachoeira do Sul/RS

* Acadêmicos do curso Educação Física

** Licenciado em Educação Física, professor da ULBRA

Observe que no resumo as palavras introdução, objetivo, metodologia, resultados obtidos e conclusão aparecem em colchetes porque elas não vão no texto, a menos que sejam colocadas no contexto da frase, como no exemplo. O mesmo vale para o número total de palavras.

Duas dicas: para contar as palavras, no editor de texto *Word for Windows*®, selecione o texto, clique na barra de tarefas em “ferramentas” e “contar palavras”. A letra e o espaçamento utilizados varia conforme o evento. As mais comuns são *Times New Roman* 12 ou *Arial* 11, espaçamento simples ou 1,5.

Montagem visual (painel auto-explicativo)

Há basicamente duas formas de se apresentar os dados pesquisados. A primeira é de forma simples, utilizando as informações do próprio resumo; a segunda é de forma completa, utilizando todas informações, a partir do próprio artigo (veja mais adiante como escrever o artigo)

No primeiro modelo, simples, você pode montar seu painel auto-explicativo (cartaz ou banner) com algumas modificações feitas a partir do resumo enviado para o evento. Normalmente, se usam as letras *Times New Roman* ou *Arial*, isto porque elas facilitam a leitura. Se a opção for pelo cartaz, utilize o editor de texto que você está acostumado. Neste caso, crie um documento, salve-o antes de tudo, e divida as partes do resumo (título, componentes e instituição, introdução e objetivos, metodologia, resultados, conclusão) em páginas (às vezes duas partes cabem numa mesma página). O título pode ter letra tamanho entre 60 e 72, numa linha ou duas. A letra utilizada para os autores e a instituição e curso é proporcionalmente menor, entre 52 e 64. No texto, o título pode ter tamanho entre 42 e 54 e o corpo entre 38 e 50.

As dimensões mais solicitadas para o painel são 1 metro de altura por 70 centímetros de

largura. Nas livrarias, comumente encontram-se cartolinas com alguns centímetros menos, que servem perfeitamente. Uma sugestão é comprar cores bem contrastantes, que tornem o painel chamativo. Um exemplo é cartolina em amarelo e folhas para impressão em laranja, além de alguma folhas em vermelho para fazer bordas falsas. Outra sugestão é colocar fotos, gráficos ou tabelas.

Caso você opte por elaborar um banner (aqueles cartazes impressos em gráficos especializadas, normalmente cobertos por um plástico/adesivo transparente), procure antes uma empresa que faça a impressão para saber qual tipo de arquivo deve ser entregue (se .doc ou outra extensão). Embora o banner seja o mais prático na hora de transportar e dê uma aparência mais “moderna” ao trabalho, lembre-se que eles custam caro (entre R\$ 40 a R\$ 120), valor dispensável para a maioria dos trabalhos feitos por acadêmicos.

Este tipo de painel é mais utilizado por pesquisadores que têm algum tipo de financiamento (instituições públicas ou privadas), que necessitam transportá-lo para vários eventos científicos. Assim, o painel “se paga”. Se você dispõe de pouco dinheiro para empregar na

apresentação da sua pesquisa ou vai utilizar o painel para poucos eventos, vale mais a pena usar um cartaz bem elaborado. Para disfarçar, coloque “contact” transparente por cima.

No caso do painel ser o completo, procure montar a estrutura do artigo num programa de slides, como o *PowerPoint®*, dividindo em 8 partes: Dados de identificação (Título, autores e instituição); Resumo (completo); Introdução (definição do tema, problema de pesquisa, hipóteses, objetivos geral e específicos e justificativa); Referencial teórico; Metodologia; Resultados e Conclusão; Fotos, gráficos ou tabelas; e por fim Bibliografia.

Montagem para apresentação oral (lâminas ou data-show)

Na apresentação oral você tem entre 10 a 15 min para expor e mais 5 min para responder perguntas. Com esta escassez de tempo, você deve aproveitar o máximo para passar as informações da pesquisa. A pior coisa que você pode fazer é se fiar no improviso. Quem assim o faz acaba “levantando sem saber o que vai dizer e sentando sem saber o que disse”. Ao invés disto, utilize um roteiro seguro, o mesmo usado no resumo e no cartaz.

A forma de montá-lo, se em lâminas ou data-show, vai da disponibilidade da aparelhagem. Por questões financeiras, recomenda-se o segundo, pois o custo limita-se a um disquete. Se você tiver que usar as lâminas, compre as utilizadas em xerográficas, imprima em papel comum seus originais e peça para xerografar. Além de mais baratas do que as recomendada para impressoras, você elimina o risco de danificar uma lâmina.

Você tem a opção de imprimir a partir do programa mais utilizado para apresentação, o *PowerPoint®*, ou montar a partir de um editor de texto. Em ambos os casos, a base será a mesma: o resumo.

Na montagem das lâminas, você pode utilizar o próprio arquivo do cartaz, com as mesmas especificações quanto a tamanho da fonte e tipo de letra. Assim como no cartaz, nas lâminas as partes do resumo (título, componentes e instituição, introdução e objetivos, metodologia, resultados, conclusão) podem ser colocadas em duas páginas se houver espaço. Ajustado o conteúdo, resta imprimi-las.

No caso de optar em utilizar o *PowerPoint®*, abra conjuntamente o programa com o editor de texto onde você tem o resumo.

Isto evitará reescrever o texto, pois poderá simplesmente colar as partes do resumo. Assim como quando você escreveu o resumo, salve o arquivo para evitar perdas em caso de pane no computador ou queda de luz.

O *PowerPoint®* tem tutorial próprio e vários modelos de apresentações. Você pode escolher um deles ou partir de uma apresentação em branco. Fica a seu critério. Qual for sua opção, a montagem deve sempre ser feita na sequência: título, componentes e instituição na primeira lâmina, introdução e objetivos na segunda (ou na segunda e na terceira), metodologia na quarta, resultados na quinta (aqui você pode usar mais de uma lâmina) e conclusão na última lâmina.

Na apresentação oral, você pode colocar também no final a bibliografia utilizada na pesquisa. Cuide para não usar modelos com muitas figuras que nada tem a ver com o trabalho. O que não impede de você colocar fotos, gráficos ou tabelas da pesquisa, até para ilustrar.

Encarando o público

Na hora da apresentação é normal o nervosismo. Isto porque falaremos para pessoas estranhas. Lembre-se, por serem estranhas não sabem seu passado, suas fraquezas, seus defeitos,

etc. Uma dica: imagine mergulhar numa piscina funda de água fria; ou você nada e vai em frente ou perece ali mesmo. Numa apresentação é semelhante: entre, dê seu recado e encare como se tivesse dado tudo certo. Não fique pensando “será que estou agradando?”

Se você vai usar lâminas na hora da apresentação, passe uma a uma, na sequência, lendo ou explicando-as. Não caia na tentação de colocá-las no retroprojektor mas falar as coisas trocadas, como os resultados antes de explicar o que você queria com a pesquisa ou a metodologia só lá no final da apresentação (muitos apresentadores acabam trocando os pés pelas mãos na hora e já na introdução explicam todo trabalho, aí repetem falas e esquecem outras, caracterizando a exposição como uma atrapalhão).

A parte onde você pode e deve gastar mais tempo explicando é nos resultados. Como você conhece o tema e aquilo que pesquisou, terá tranqüilidade de divagar sobre ele (obviamente, se você “comprou” o trabalho de terceiros, terá dificuldade de apresentá-lo).

Para o data-show vale a mesma coisa; passe um a um os slides e explique-os calmamente. Como prevenção, leve o conteúdo numa folha

impressa. Caso a aparelhagem dê problema na hora da apresentação, você não se sentirá perdido para falar.

Em muitos eventos científicos há avaliadores ou debatedores na exposição oral. Se a banca for “avaliar” seu trabalho, você terá maior dificuldade pois, neste caso, tentarão mostrar serviço e encontrar defeitos. Há avaliadores que, por vaidade (querem aparecer para a platéia, serem vistos como os mais inteligentes, etc.), se portam como verdadeiros “inquisidores”. Querem, a qualquer custo, destruir sua pesquisa e seus resultados. Lembre-se que nenhum trabalho científico é perfeito; todos têm ênfases num ponto que talvez não seja a mesma que o avaliador gostaria que fosse. Isto é questão pessoal e procure não entrar em atritos. Explique calmamente o porquê de ter optado por um caminho ao invés de outro, de ter enfatizado uma coisa ao invés de outra. Se você fez o trabalho com dedicação e empenho, não há o que temer.

Obviamente, nem todos na banca se portam assim. Há quem prefira levantar questões relevantes ou até apontar erros mas por uma questão de aperfeiçoamento. Esses fazem críticas construtivas. São os “debatedores”, aqueles que fomentam um debate. Normalmente exploram

pontos importantes do seu trabalho, pontos estes que às vezes passam despercebidos ou não receberam a justa importância por você.

Escrevendo um artigo

A concretização de uma pesquisa científica se dá, normalmente, através de um artigo científico. Este artigo pode ser montado em partes que variam segundo os critérios utilizados pelas diversas áreas da ciência. De maneira geral, os seguintes itens são necessários: título, componentes, resumo/abstract, introdução, referencial teórico, metodologia de pesquisa, resultados, conclusão e bibliografia.

Como este artigo é fruto do projeto de pesquisa, várias das partes que o compõem serão tiradas dele, com algumas modificações. A começar pelo título que somente sofrerá alguma correção caso a própria pesquisa tenha sido modificada. Componentes também só serão incluídos ou excluídos caso isso tenha ocorrido.

O resumo poderá ser aquele enviado para os eventos científicos. Para o *abstract*, que é a tradução do português para o inglês, sugere-se não utilizar os tradutores eletrônicos pois eles colocam palavras que, no contexto do texto, não se encaixam. Custa pouco mandar para um professor

de inglês traduzir (mais ou menos R\$ 5 por página).

A introdução do artigo (ou definição do tema) é a mesma do projeto de pesquisa. Lembre-se de passar para o tempo verbal passado, quando necessário (principalmente naquelas partes onde colocamos nossa pretensão com a pesquisa). Nela você poderá acrescentar seu problema de pesquisa e suas hipóteses (caso houver), seu objetivo geral e os específicos, além da justificativa de pesquisa. Procure, caso opte em agregar estas partes, transformá-las num texto conciso e claro. Não faça uma simples colagem das partes nem coloque os tópicos utilizados nos objetivos específicos ou em outra parte.

A parte seguinte é a do referencial teórico ou também chamado discussão teórica. Ela pouco difere da escrita no projeto, ficando as modificações para o caso de se ter realizado alguma leitura teórica durante a pesquisa e se queira complementar no texto do artigo.

Isto vale para a metodologia de pesquisa, que pode tanto ser modificada pela ampliação de autores teóricos de métodos de pesquisa quanto pela inclusão/exclusão de atores pesquisados ou não. Neste item pode ser feito um pequeno relato

de como foi pesquisar: dificuldades encontradas, mudanças necessárias quanto a escolha de pessoas ou locais, etc.

Após estas partes, vem a análise da pesquisa propriamente dita. Os resultados colocados no “resumo” são explorados exaustivamente aqui. A própria disposição dos resultados não segue a mesma ordem do resumo. A melhor forma de se escrever os resultados da pesquisa é pegando as fichas de fontes (ver Relatório de Pesquisa). Nelas, todos os dados estão organizados, divididos por temas ou assuntos (classificação feita a partir das palavras-chave).

Comece a escrever por algum destes temas. Leia todas as fichas novamente, duas ou três vezes se julgar necessário. O início vai variar muito, depende da personalidade literária de cada um (o modo de escrever). Você pode iniciar com um comentário seu e colocar em seguida uma frase do seu entrevistado. A regra é a mesma da montagem do referencial teórico.

Um exemplo, extraído de um artigo de acadêmicos sobre portadores de HIV:

A família desempenha um papel fundamental nessa hora, o carinho, a compreensão, são fundamentais para que um portador do vírus HIV sinta -se amparado

pelas pessoas com as quais mantém um convívio diário. Muitas pessoas mantêm um contato direto com essa situação, é o caso dos funcionários dos hospitais. Conforme afirma o enfermeiro M., “temos que conviver diariamente com essa realidade, inclusive os familiares dessas pessoas, devemos aprender a aceitá-las, e elas também devem se aceitar, vivendo da melhor forma possível, tentando levar uma vida normal”.

Por fim, escreve-se a conclusão ou, como prefiro chamar, as considerações finais. Isto porque em toda pesquisa, o que se tem ao final é muito mais uma ponderação, um exame, uma observação e apreciação, do que um resultado final, uma verdade pronta e acabada.

Uma outra forma de escrever um artigo é juntando resultados com referencial teórico. Entendo que esta seja a forma mais correta, uma vez que isto possibilita um diálogo entre teoria e realidade. Parece obviedade afirmar isto mas desvincular ambas acarreta, muitas vezes, numa discussão oposta. Explico: se um artigo científico discute a teoria separada de seus resultados pode incorrer em falar uma coisa primeiro e outra totalmente oposta em seguida. Como estão separadas, o leitor desatento não perceberá. Se, do contrário, discute-se conjuntamente, é possível perceber de imediato esta relação, que não pode

ser inversa mas caminha junta e se entrecruza constantemente. A isso dá-se o nome de diálogo.

A estrutura de escrever nesta forma o artigo é parecida: o título idêntico ao do projeto de pesquisa; autores com identificação em nota de rodapé; resumo e abstract (quando exigido); introdução do artigo ou definição do tema. Após, insere-se a discussão dos resultados encontrados com a reflexão teórica. Por fim, as considerações finais. Neste tipo de artigo, ter sub-títulos é irrelevante. Pode-se tranquilamente escrever um texto único.

Um exemplo de diálogo entre teoria e resultados, num artigo de acadêmicos sobre a terceira idade:

Durkheim (Rodrigues, 2000) afirma que “as pessoas não estão juntas porque fazem juntas as mesmas coisas, mas ao contrário: estão juntas porque fazem coisas diferentes e, portanto, para viver dependem das outras, que fazem coisas que elas não querem ou não são mais capazes de fazer”. No caso da terceira idade, a idéia da solidariedade orgânica comprova a necessidade do idoso de viver em sociedade, pois eles tendo uma caminhada mais longa e cheia de experiências com pessoas mais jovens que possam pô-las em práticas. O depoimento de O., integrante do grupo de terceira idade, revela que a mesma convidaria outras pessoas a participarem deste

grupo para que o mesmo continue crescendo e para poder conviver com pessoas diferentes.

Rodapé ou autor/data

Depende do professor ou da revista. No primeiro caso, pergunte; no segundo, leia as normas de publicação. Usando notas de rodapé, o texto fica mais limpo. Além disso, é possível fazer algum tipo de comentário que não caberia no texto principal.

No caso de usar o autor/data, é possível colocar nota de rodapé explicativa, mas nunca de citação bibliográfica. Isto vale tanto para o projeto de pesquisa quanto para o artigo.

Mas fique atento, uma vez adotado o modelo autor/data ou as notas de rodapé, deve-se usá-los até o fim, não pode ficar alternando.

Para pensar na cama

Lembre-se sempre que pesquisar não é tarefa fácil. Exige muito do indivíduo que, por sua própria natureza, é acomodado. O que o motiva a procurar auxílio para enxergar o mundo através da pesquisa é a, também natural, inquietação. Tem pessoas que são mais acomodadas; outras mais inquietas. Algumas são acomodadas por um tempo e, em determinado tempo, tornam-se incomodadas. Já outras são inquietas quando jovem e se acomodam na medida

que a velhice chega. Enfim, acomodação, inquietude e incomodação não têm idade.

Para se ter uma atitude de pesquisador ou inquisidor da realidade é necessário ser um pouco inquieto com o mundo, incomodado com verdades prontas. A opção sempre é pessoal e intransferível. Não adianta querer meter goela abaixo. Outra coisa que não adianta é se tornar fascinado, querer transformar tudo em pesquisa. Discernimento sempre é o melhor remédio.

Portanto, para os que se aventuram no mundo da pesquisa, lembre-se de buscar antes razão e sensibilidade. Junte a isso uma pitada de perseverança e um bocadinho de sorte.

O resultado final é de dar água na boca...

Bibliografia citada e sugerida

ARMANI, Domingos. *Como elaborar projetos: guia prático para elaboração e gestão de projetos sociais*. Porto Alegre/RS: Tomo Editorial, 2003

BACHELARD, Gaston. *Novo Espírito Científico*. Coleção Os Pensadores, São Paulo: Abril Cultural, 1974

BAGNO, Marcos. *Pesquisa na escola. O que é, como se faz*. 18ª ed. São Paulo: Loyola, 2004

BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas II*. Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho de José Carlos Barbosa. 5ª ed., São Paulo: Brasiliense, 1995

BOURDIEU, Pierre et al. *A profissão de sociólogo: preliminares epistemológicas*. Tradução Guilherme João de Freitas Teixeira. 2ª ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 1999

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino. *Metodologia Científica*. 5ª ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002

DEMO, Pedro. *Metodologia Científica em Ciências Sociais*. São Paulo: Atlas, 1989

ECO, Umberto. *Como se faz uma tese*. Tradução Gilson César Cardoso de Souza. 16ª ed., São Paulo: Perspectiva, 2001

FERREIRA SOBRINHO, José Wilson. *Pesquisa em Direito e redação de monografia jurídica*. Porto Alegre: Sérgio Antônio Fabris Editor, 1997

FURASTE, Pedro Augusto. *Normas técnicas para o Trabalho Científico. Explicação das normas da ABNT*. 12ª ed. Porto Alegre/RS: s.n., 2003

GIL, Antônio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 1999

GIL, Antônio. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2002

INÁCIO Fº, Geraldo. *A monografia na universidade*. Campinas/SP: Papirus, 1995

KUHN, Thomas S. *A estrutura das revoluções científicas*. Tradução Beatriz Vianna Boeira e Nelson Boeira. 5ª ed. Série Debates. São Paulo: Perspectiva, 2000

MEDEIROS, João Bosco. *Redação científica: a prática de fichamentos, resumos, resenhas*. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2003

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.) *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis/RJ: Vozes, 1994

MORIN, Edgar. MOIGNE, Jean-Louis Le. *A inteligência da complexidade*. Tradução Nurimar Maria Falci. 2ª ed. Rio de Janeiro: Peirópolis, 2000

OLIVEIRA, Therezinha de Freitas Rodrigues. *Pesquisa Biomédica: da procura, do achado e da escritura de tese e comunicações científicas*. São Paulo: Atheneu, 1995

SABADELL, Ana Lúcia. *Manual de sociologia jurídica: introdução a uma leitura externa do Direito*. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2000

COELHO DE SOUZA, Fábio Herrmann. et al. *Manual para elaboração de trabalhos científicos em Odontologia*. Canoas/RS: ULBRA, 2004

THUMS, Jorge. *Acesso à realidade: técnicas de pesquisa e construção de conhecimento*. Porto Alegre/RS: Sulina, Canoas/RS: ULBRA, 2000

Impresso no sistema *on-demand*, tiragem de 300 cópias, em papel Reciclato-Suzano 90 g/m² (miolo) e 240 g/m² (capa).

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)